

O sentido geopolítico da expedição de Pedro Teixeira

Há exatamente 350 anos, na data de ontem, 28 de outubro de 1637, partia de Gurupá, em direção a Quito, a expedição organizada pelo governador Jácome Raimundo de Noronha, composta de aproximadamente duas mil pessoas, compreendendo 70 soldados lusobrasileiros, 1.200 índios de guerra e de remo, sob o comando de Pedro Teixeira. Esta expedição ficou famosa porque, segundo a maioria dos historiadores, definiu as fronteiras das terras de Portugal em relação às terras da Espanha na Amazônia. A historiografia regional oficial esquece os 70 soldados lusobrasileiros e os 1.200 índios de guerra e de remo e exalta tão somente o comandante Pedro Teixeira.

Na verdade, a importância dos grandes homens para a história está no fato de que suas vidas ultrapassam ao individual e se colocam no social, "pois a vida social constitui o único valor comum que reúne os homens de todos os tempos e de todos os lugares: Estudar um acontecimento histórico destacando apenas um personagem é negar a própria história, pois que "o fundamento ontológico da história é a relação do homem com os outros homens". (Cf. Lucien Goldmann, "O Pensamento Histórico é seu objetivo" 7ª ed. S. Paulo, Difel, 1979, cap. I, p. 17-26). Um fato torna-se verdadeiramente histórico quando transcende ao momento e ao lugar em que se deu e se projeta no movimento geral da história universal. É o caso desta expedição, que não teve uma dimensão individual isolada, mas se insere no contexto geral da história universal. De fato, a conjuntura histórica em que se dá a Expedição Pedro Teixeira mostra as origens dos conflitos existentes entre as grandes potências pela posse das terras, pelo usufruto dos recursos naturais e pela manipulação das populações amazônicas.

Na verdade, a afirmação explícita da Amazônia como região de brasileiros se dá a partir de 1614, quando os lusobrasileiros abandonados pelo governo espanhol expulsam os franceses que tentaram apoderar-se do Maranhão e em seguida constroem o forte do Presépio, sob cuja proteção se iniciaria o processo de integração da Amazônia ao incipiente modo de produção capitalista. Estes fatos estão na gênese de todo um sentimento de brasilidade que estava se formando na mente dos que habitavam estas terras. Portugal está sob o domínio espanhol porque o cardeal Henrique, que reinou entre 1578 e 1580, morreu sem deixar um sucessor para o trono de Portugal, aparecendo então vários pretendentes: Felipe II, da Espanha; o infante Antônio, prior da Ordem Militar do Crato, filho natural de um irmão de João III; Catarina, duquesa de Bragança e Emanuel Felisberto de Savoia, ambos netos de D. Manuel I; e Ranúcio de Farnese, duque de Parma. As Cortes reuniram-se em 1580 para tratar da questão da sucessão e os representantes do povo protestaram energicamente contra as pretensões de Felipe II. Com a morte do Cardeal Henrique, Felipe II invade Portugal com um exército comandado pelo duque de Alba, e como obteve apoio de grande parte da nobreza, foi aclamado rei de Portugal nas Cortes de Tomar em 1581. Felipe II promete manter a autonomia do reino português, os governadores e funcionários seriam portugueses e nenhuma lei seria promulgada sem a aprovação das Cortes. Nestas condições, Portugal passa para o domínio espanhol. A Espanha estava numa situação privilegiada, recebendo a prata e ouro do México e do Peru, essenciais para a manutenção do comércio com a Índia. Portugal, neste momento, estava em crise. A média burguesia estava arruinada pela alta burguesia, que acumulava fortunas com o movimento de expansão colonial e a quem a união com a Espanha nos termos postos por Felipe II iria favorecer grandemente. O clero, que poderia ser um problema, permanecendo com seus privilégios e seus latifúndios, não opôs resistência. Somente o povo em extrema miséria estava disposto a lutar contra o domínio espanhol. Mas a alta burguesia portuguesa não estava disposta a ajudar o povo do país, dado que a sua extrema miséria contrastava com o luxo e a ostentação da nobreza portuguesa. E incentivava a revolta do povo contra a opressão da nobreza espanhola significava uma ameaça à própria situação privilegiada. Deve-se ter em mente, ainda, para situar a Expedição Pedro Teixeira no contexto geral da História que nesse momento, a Espanha católica e feudal estava aliada à Áustria e ao Papa na luta contra a Inglaterra, França e Holanda, países em que uma burguesia rica começava a libertar o feudalismo, adotando o livre pensamento, o espírito crítico e o protestantismo. Enquanto Portugal estava passando para o domínio espanhol, a Holanda estava se libertando da sua tutela e começavam as investidas contra os domínios espanhóis na América.

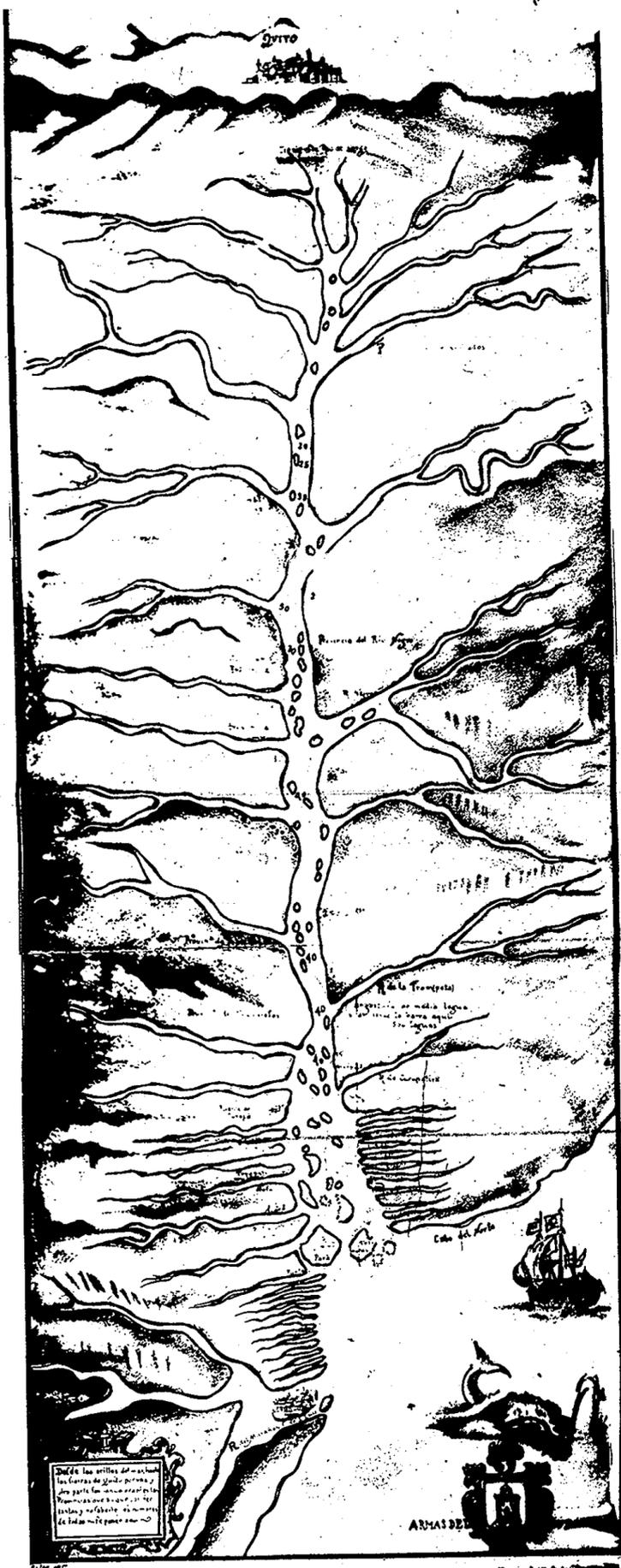
Com o objetivo de preservar a posse das terras amazônicas da ameaça dos ingleses, franceses e holandeses, o governo espanhol tomou uma série de medidas, entre as quais dividiu o Brasil em dois Estados: o Estado do Maranhão, com a capital em São Luís, e o Estado do Brasil, com a capital na Bahia. Outra medida importante nesse sentido foi tomada por Felipe IV, em 1693, criando a

capitania do Cabo do Norte, como forma de assegurar a posse das terras da margem esquerda do Amazonas. Foi ordenado ainda por Felipe IV que se reconhecesse o rio Amazonas até o Peru.

Na verdade, o governador do Maranhão não dispunha de muitos recursos para tal empreendimento. Entretanto, um fato inesperado veio apressar a execução da ordem: Consta, segundo Berredo, "que sahirão alguns religiosos franciscanos da cidade de Quito, buscando o paganismo do Grande Maranhão ou Amazonas, e o capitão Juan de Palácios, com um pequeno corpo de tropas voluntárias..." (Cf. Berredo. Annaes Históricos de Berredo. 3ª ed. Florença, Tipographia Barbera. 1905, volume I, livro IX, p. 257 ss). Na verdade, foi o governador peruano que organizou uma missão religiosa para catequizar os índios Encabelados, sob a proteção de uma força militar comandada pelo capitão Juan de Palácios, com o objetivo de assegurar a posse daquelas terras para a coroa da Espanha. Efetivamente, foi fundada na boca do rio Aguarico a missão de San Diego de los Encabelados. Decorrido algum tempo, houve uma revolta dos Encabelados contra o capitão Juan de Palácios, que maltratou um nativo. Com a morte de Juan de Palácios, os religiosos sacerdotes voltaram para Quito. Seis soldados resolveram partir dali em busca do tão ambicionado El Dorado e juntamente com eles foram dois leigos franciscanos, Domingos de Brieba e André de Toledo. Ao final dessa aventura, chegam ao fortim de Gurupá em 5 de fevereiro de 1637, de onde prosseguiram até São Luís do Maranhão, onde se apresentaram ao governador Jácome Raimundo de Noronha. Finalmente tinha-se um motivo para a realização das ordens de Felipe IV. Em São Luís, a opinião geral era contrária a essa expedição alegando-se ser arriscado desfalcar o Estado de forças necessárias para enfrentar a iminente ameaça dos holandeses. Em Belém, chega-se mesmo a propor o adiamento da viagem. Mas Jácome de Noronha empenhou-se na execução desse empreendimento como forma de se afirmar perante o povo e perante as autoridades metropolitanas por causa das graves acusações que se faziam contra ele. A primeira medida foi nomear Pedro Teixeira para o comando dessa expedição. Efetivamente o nomeado vem para Belém e inicia os preparativos. Houve a ajuda dos comerciantes Portugueses de Belém, que desejavam estabelecer relações comerciais com a região argenteira de Potosí; a igreja Católica contribuiu com a capelania da expedição, composta pelo padre Agostinho das Chagas, do convento Santo Antônio de Belém, e do frei Domingos de la Brieba, que serviria também como guia dos exploradores. A força propulsora da expedição foi constituída pelos índios recrutados das aldeias domésticas. Eles foram os remadores, pescadores, flecheiros, caçadores e os combatentes, aqueles que de fato com seu esforço, trabalho, sacrifícios e com o conhecimento que tinham da sobrevivência na selva tornaram possível o êxito da expedição. Sem a participação dos índios não teria sido possível a realização da Expedição Pedro Teixeira.

Depois dos preparativos partem os expedicionários para o cumprimento de sua missão. Na verdade é lendo as instruções de Jácome de Noronha para Pedro Teixeira que se descobre os reais objetivos dessa missão: "Reconhecer minuciosamente o rio (Amazonas) até Quito; verificar os melhores lugares em que o rio pudesse ser fortalecido; assegurar pela boa conduta dos expedicionários e por meio de pequenos presentes, as relações de paz e amizade com as tribos indígenas ribeirinhas; finalmente fundar aquém dos Amáguas (situados entre o Napo e o Jurupá) uma povoação que marcasse o limite no Amazonas, da soberania portuguesa". (Cf. Ernesto Cruz, "A Bandeira de Pedro Teixeira?". História do Pará. Universidade do Pará (1963), v.1, cap. I n.º VII, p. 49-54).

Todos esses objetivos foram alcançados. Porém, o que se depreende da leitura da "Relacion del General Pedro Teixeira de el Rio Delas Amazonas para el Sor. Presidente" é que sua majestade, cansado de tantas notícias fabulosas sobre a Amazônia, queria um relatório minucioso e fidedigno sobre as condições de defesa do local em relação às ameaças dos ingleses, franceses e holandeses. Além disso, sua majestade queria um levantamento realista dos recursos naturais e humanos para uma política de desenvolvimento da região. Para isso, somente um oficial com a experiência e vivência de Amazônia e com a clarividência de um estadista e estrategista como Pedro Teixeira poderia satisfazê-lo. De fato a "Relacion del General Pedro Teixeira" mostra a situação das fortalezas existentes e não se nega a dizer as deficiências o como faz em relação à fortaleza de Gurupá, quando diz: "Esta Fortaleza de el Gurupá, tiene fama no de fiende cosa ninguna pro estar sobre una gran barranca, es solamente para conservacion delos indios horros que por alli zercano vivem..." Pedro Teixeira não deixa de informar também a respeito do "moral" da reserva do seu exército, os índios. Entre outras citações, refere-se aos bocas negras como sendo "índios corpulentos, las caras ricadas... es gente tan balerosa que quando



Mapa da Viagem de Pedro Teixeira. Elaborado por Bento da Costa, piloto da Armada de Pedro Teixeira, 1638. (Mapoteca do Itamarati/RJ).

salém en sus canoas a guerra traen las mugeres consigo". Antes de terminar seu relatório, Pedro Teixeira faz uma apreciação geral sobre a região: "Dessejando estos pueblos, hasta el rrio napo en los quijos, es todo rrio despoblado a vera mar, mas tierra adentro, no ay tierra despoblada ni en todo el rrio, ay atrebome afirmar, no tiene quenta la gente que ay. La fertilidad este rrio es increhible porque tiene muchos pescados de diferentes suertes, muchas carnes del Monte muchissima yuca y mas cuchiissimas frutas de castas diferentes, gran numero de tortugas. Madras en gran numero de diversas suertes. Ay muchissimos rrios, que bajan al gran rrio, assi de una parte como da otra, en ellos entra el gran rrio de Tunguragua, y otro curaray de los quales aqui al tambien mucha cantidad de algodón de que hazen los Moradores sus camisetas y mantas de que se siervem — Todo este gran rrio es navegable y puedem llegar envarcaciones grandes hasta el rrio del oro, partiendose del Curupa, con las monsjones que emplezan por el. s. n. Juan y

con elas se puedem rromper las corrientes, y de al para cao no se pude navegar, si no a rremo, por falta de los Vientos, que emplezan alli a ser contrarios, que es fondo, hasta Napo ay mucho. Ay dentro de este rrio mas de treinta mill Isias. Y muchas de ellas, pobladas, y mui grandes al tanto numero de Leguas, por las muchas bueltas, que haze, y tan grande que por vezes, llegando a sinco y seis grados al sul y mucho al... equinoxial..." Chamo atenção especial para este último depoimento de Pedro Teixeira a respeito das condições sanitárias da região e das condições de saúde pública da população na época dessa expedição: "Es todo este gran rrio, mui saludable, porque no tiene calor rigoroso ni frio que obligue a pujar por ropa, prueba de sano, no hallar un enfermo en toda la maquina de pueblos que ay".

Não é preciso gastar muito dinheiro em pesquisa de campo para se constatar a terrível degradação da saúde do nosso povo. Pedro Teixeira termina seu relatório jurando pelos Santos Evangelhos "pasar todo en la

verdade, por lo haver andado e visto por mais ojos y me acordo en muchas cosas, por no parecer fabuloso".

O relatório de Pedro Teixeira pode ser considerado como um plano de defesa e desenvolvimento da Amazônia. As informações geográficas levantadas a respeito dos recursos naturais, a respeito do contingente populacional, a respeito das condições de saúde pública, a respeito da localização e das distâncias de pontos estratégicos do território e etc., só podem ser de vital importância para uma tomada de posição em relação à Amazônia. Essas informações vão subsidiar as estratégias militares de defesa e as políticas de aproveitamento dos recursos naturais e humanos em função dos interesses metropolitanos.

Do ponto de vista geográfico, a expedição Pedro Teixeira deixa claro que a Amazônia passa a fazer parte da história da chamada civilização ocidental como região objeto da cobiça das grandes potências, que ao longo do tempo vêm disputando a posse e usufruto dos seus recursos naturais e humanos. Mostra também que lideranças identificadas com interesses alienígenas, com os interesses dos exploradores e opressores vêm utilizando-se das populações para a realização de projetos unicamente pessoais. Na verdade, as populações amazônicas entram em contato com os colonizadores numa situação de profunda desigualdade técnica e cultural. O que identifica os amazônidas é ser um povo ao qual foi negada a oportunidade de construir a própria história. Um povo que não teve chance de afirmar os seus valores, a sua cultura, enfim, o seu modo de ser, entender e expressar a vida.

Ainda sob o ponto de vista geográfico, a Expedição Pedro Teixeira mostra as origens do processo de espoliação a que foram submetidos os primitivos habitantes da Amazônia. Toda a organização sócio-espacial que havia antes da chegada dos europeus é profundamente alterada e reorganizada em função dos interesses dos colonizadores. As malocas são substituídas pelos aldeamentos das ordens religiosas. Inicia-se a construção de uma nova paisagem geográfica, onde aparecem os fortes, as fortalezas, os quartéis, os postos de troca de mercadorias, as igrejas, os conventos, os cruzeiros e etc. É uma nova maneira de organizar o espaço em função das necessidades da nova ordem econômica que se está impondo.

Aliás, o processo de urbanização da Amazônia tem que ser visto em função do papel que o espaço amazônico teve para os vários momentos do desenvolvimento do capitalismo na região. Atualmente, o capitalismo instalou-se geograficamente tanto no campo quanto na cidade. Desenvolvem-se concomitantemente grandes projetos industriais nas áreas urbanas e grandes projetos agroindustriais, agromineriais e agropecuários nas áreas rurais, daí a agudização dos conflitos urbanos e rurais em consequência da exploração e espoliação do homem amazônico tanto na cidade quanto no campo. Mas retornando à questão da conjuntura geopolítica da Expedição de Pedro Teixeira, penso que ela se coloca no quadro geral da libertação de Portugal do domínio espanhol. Fica claro que os portugueses residentes no Brasil — e particularmente na Amazônia — queriam preservar o Brasil e a Amazônia para Portugal e lutaram por isso, e conseguiram. Tem mais, a Expedição de Pedro Teixeira vai influenciar os ânimos dos portugueses metropolitanos, pois que se nas colônias os portugueses conseguem derrotar seus inimigos franceses, ingleses e holandeses, e particularmente na Amazônia, conseguem impedir a ação dos próprios espanhóis, é claro que se coloca a possibilidade e a necessidade da independência da metrópole.

Decorridos 350 anos desse evento, a Amazônia está completamente dominada pelo capital. As nações indígenas ainda conseguem resistir-lhe heroicamente. O povo amazônida está entregue à própria sorte, objeto da exploração e escárnio das multinacionais, em troca de "pequenos presentes", dá seu voto para pseudo-líderes políticos realizarem objetivos pessoais. A igreja Católica, através de alguns leigos, começa a se decidir a fazer a opção preferencial pelos empobrecidos, embora ainda haja resíduos de comprometimento com o poder e de serviços para com a burguesia. A classe política e o empresariado local têm se mostrado incapazes de formular e implementar uma proposta de desenvolvimento a partir das necessidades sentidas pela comunidade e a partir dos recursos naturais oferecidos pela região, o que tem favorecido a ação do poder central e de outros aventureiros na região. E o pior é que o empresariado local não tem sabido aproveitar os incentivos oferecidos pelo poder central. Alguns políticos atraioam o próprio povo, defendendo incondicionalmente a Zona Franca das multinacionais.

Que a lembrança da Expedição Pedro Teixeira sirva para fomentar discussões úteis a respeito da situação de opressão a que estamos submetidos e quem sabe que nessa busca da identidade cultural perdida encontremo-la na luta pela nossa libertação.

Roberto Monteiro de Oliveira
 MS em geografia do Departamento de Geografia da Universidade do Amazonas;